

Discurso do Director do Instituto Superior de Agronomia (*)

Prof. ANDRÉ NAVARRO

Senhor Presidente da República,
Excelência:

Cumpre-me o agradável dever de apresentar em nome da minha Escola, que o foi já de cem gerações de técnicos da terra, respeitosos cumprimentos ao ilustre Chefe do Estado.

É largo o tempo que já decorreu desde a fundação desta Casa. Porém, a brilhante linhagem de grandes militares e portugueses ilustres que formam o passado do nome que Vossa Excelência tanto tem dignificado, dá-lhe decerto, a perspectiva exacta do acontecimento que solemnizamos.

Permita-me por isso, Senhor Presidente da República, que, fugindo à rigidez do protocolo, eu manifeste, por forma mais de acordo com o sentimento, a reconhecida gratidão desta já grande família pela honra concedida por Vossa Excelência dignando se presidir a este solene acto.

*
* *
*

Senhor Cardeal Patriarca,
Eminência:

A presença de Vossa Eminência nesta Escola e nesta data, ficará para nós como monumento dos mais valiosos. Ele perdurará como o do

(*) Pronunciado na sessão inaugural da Comemoração do 1.º Centenário da instituição em Portugal do Ensino Superior Agrícola, realizada em 20 de Abril de 1953, na sala da Biblioteca do Instituto Superior de Agronomia.

mais sólido granito e lembrará aos vindouros não só donde partimos e onde chegamos, mas para onde e como vamos.

Agrónomos dos mais distinguidos foram na realidade os virtuosos monges de Alcobaça, pioneiros da monarquia agrária portuguesa. E o agrário que teve assim na nossa terra a pureza cristã a informá-lo, foi-o sempre igual a si próprio através de toda a História. Por isso ele é ainda o berço das mais puras virtudes da raça.

Permita-me Vossa Eminência que eu me curve reverente perante a grande majestade de tão sublime obra.

*

* *

Senhores Ministros e Subsecretários de Estado,
Excelências:

Ao Governo da Nação tão distintamente representado pelos ilustres Ministros e Subsecretários presentes eu desejo significar quanto esta Casa deve ao Estado em condições de trabalho e em estímulo de labor. A essas facilidades correspondeu, porém, desde sempre, a Escola com trabalho realizado com verdadeiro espírito de bem servir.

Dir-se-á assim e está segundo creio certo, que somos devedores e credores dum mesmo *quantum* e apenas ficará a consoladora certeza e para todos, do dever cumprido.

Bem haja pois o Governo da Nação.

*

* *

Senhor Reitor:

Cem anos decorridos na vida duma instituição cultural é neste País em que o tempo se mede pelo rodar de séculos apenas, de facto, uma unidade vencida. Somos assim bem mais jovens que a multiseccular Universidade que foi e é o fértil viveiro da intelectualidade lusitana. E por isso mesmo, talvez sejamos dotados de mais viva insatisfação no desejo de criar mais frutos a amadurecerem, pelos anos fora, na fecunda árvore da vida.

A nossa Escola, de resto, representa também, quanto à profissão que encarna, como que uma renascença brotada na aurora do contemporâneo,

do que foi ciência e arte de uma época que constituiu esplendor da civilização de que somos simples frutos.

Teofrasto, Vergílio e Columela, como Plínio — o Moço —, Abu Zacaria, Santo Isidoro de Sevilha e tantos outros agrónomos do passado, falavam a mesma linguagem técnica que nós outros usamos e compreendemos. E de então para cá, já vai decorrido mais de um milénio, muito se tem lido no precioso livro da «Experiência Rural dos Séculos». Quantas verdades e deliciosas parábolas esta obra encerra! Cada página volvida, porém, maior se apresenta o espectro da ignorância e a necessidade de mais indómitas vontades para se continuar a interpretação de tão difícil texto.

Para a velha e gloriosa Universidade, tronco donde brotou a Cultura que é a seiva desta árvore já hoje secular, vai, nesta hora grande, o nosso pensamento.



Senhor Vice-Reitor da Universidade Técnica:

Ser artífice da terra em terra úbere é apenas pouco mais que assistir maravilhado à Criação — criação das forças que Deus gerou. E o segredo do êxito consistirá então, apenas, em não tocar no fruto proibido. E se assim for feito a terra será, pelos tempos fora, seguro sustentáculo da vida humana. Foi desta forma e nesse meio fecundo que se criaram os povos, desde que a terra do Velho Mundo começou a ser revolvida num cultivo mais sedentário.

Quando, porém, a velhice trouxe à superfície um esqueleto rochoso e escaldado e quando a carne — argila e húmus — apenas passou a cobrir talvegues estreitos ou planuras ressequidas pela aridez, então, a função do técnico teve de ir muito além de que assistir. Este o verdadeiro quadro que é o da nossa missão.

Às Escolas que são como a nossa responsáveis pela preparação dos técnicos deste labor eu exprimo o desejo de ver mais íntimos os laços que as unem e menos marcadas as fronteiras que as separam.

A Vossa Excelência, nosso ilustre Vice-Reitor, rendemos o preito de homenagem sincera, com os desejos de que se transformem em frutos o que hoje são já fecundos propósitos.

* * *

Senhores Alunos:

Para vós dirijo agora algumas palavras que brotaram espontaneamente do meu coração.

Decerto vós bem sabeis que esta Casa é o prolongamento natural da Vossa Família. Apenas familiares mais experientes da profissão vos apontam passos que é mister não esquecer, pois deles dependerá, decerto, o salutar desejo de novas conquistas.

Tem a Escola por lema de labor uma sublime frase escrita pelo punho daquele que a história há-de acolher como o maior pensador da idade em que vivemos. Diz ele: «Investigar na dúvida e realizar na fé.» E as gerações que daqui têm partido para a árdua luta contra as intempéries do meio, têm sabido bem enfrentar com galhadia este combate. Quantas ilusões desfeitas e quantas incompreensões vencidas não têm sido o melhor estímulo para continuar; para continuar, digo, a lutar com perseverança no penumbroso horizonte da dúvida e alimentadas apenas pela ardente chama da Fé.

Por isso, nesta Escola, vós estudantes viestes encontrar companheiros de trabalho que, na solidão dos gabinetes e dos laboratórios, procuram manter esse fogo sagrado que é o penhor do verdadeiro sentido do progresso.

Hoje, porém, quando o Carvalho que é o nosso símbolo, lançou já raízes em terras longínquas e começou a alimentar os ambiciosos frutos geradores de viçosas sementes, podemos já dizer, afoitamente, que trilhamos o bom caminho. Eis por que vos exorto, neste momento solene, estudantes da minha Escola: quando renderdes os nossos testemunhos não esqueçais de olhar com carinho para o passado, única forma de não perder o bom sentido do futuro.

* * *

Agora uma palavra justa para a Lavoura Portuguesa. Ela constitui o fértil alfofre da nossa seara e por isso a Escola identificou-se inteiramente com ela, palpitante em unísono com o seu mais íntimo sentir. Grandes lavradores são hoje notáveis engenheiros agrónomos, como de resto no passado foram eles os nossos melhores mestres.

E não olvidemos que em Portugal o espírito de cientificação das artes agrícolas, da terra partiu e teve a emoldurá-lo rosas campestres brotadas das mãos puras duma Rainha que em vida foi Santa. Foi seu esposo que usou nobremente o título de Lavrador, o seu sábio obreiro, dando ao trabalho da terra nobreza dignificante. E esse grande Rei, digamos, foi o esclarecido vidente do Príncipe das Descobertas. Não é de admirar, por isso, que o madeiro que revirou a leiva tenha andado na vanguarda do que sulcou o desconhecido do mar.

Eis algumas singelas notas para relembrar o que a História nos diz, nas suas melhores páginas, sobre o que tem sido a elevada missão do nosso campo.

Assim, no capítulo da defesa da terra — terra que o foi já de oito séculos da nossa existência — tudo nos diz que ela tem sido conservada com amor, mesmo quando a dureza da labuta não dava tempo para descanso reparador. A fisionomia dos vales de generosos néctares talhados com pesados ferros é imagem magnífica dessa luta, como também o pouso do território de pão é exemplo marcante do árduo combate à aridez.

No reino da fecundidade, também, não temos descuidado, quanto a deveres. E a melhor prova está na vitalidade do alfobre que foi criador duma Nação e que em espaço tão diminuto nos deu garantia de conservar uma raça que consolidou um Mundo disperso por quatro continentes.

E para não alongar demasiado direi apenas que não temos trabalhado, também, só com os olhos postos no presente ou vivido na lembrança dum passado extinto. Haja em vista a bela fundação de arvoredos dos nossos tempos que será a grande riqueza das gerações vindouras.

*
* *
*

E para terminar, ainda umas simples palavras que dirijo à gente que labuta no nosso campo. A singeleza da expressão que vamos usar, está em perfeita harmonia com a simplicidade da sua vida. Temos, entre nós, muitos escolares oriundos desta boa estirpe e, diga-se de passagem, são dos mais destacados na vontade de saber e dos melhores na solidez dos princípios da boa moral cristã que os informa.

Esse povo rural que constitui a massa do trabalho que fecunda a terra, representa inesgotável manancial que tem sido o alimento de todas as grandes conquistas. E o Império tem a expressão da sua dura máscara e daí a solidez do alicerce e a dignidade das linhas de tão majestosa obra. De Trás-os-Montes ao Algarve, como dos Açores a Macau, apenas varia

o que é espelho do ambiente — mais bafo da terra ou mais aragem do mar; todo o resto é do mesmo traço e por isso se irmana quando junto na mesma cruzada.

Não distingo pois quando digo que a alma branca que funde essas tezes de várias cores, é na verdade só uma e essa é aquela que obriga, ao acabar de dizer, dizer ainda, que um século volvido continuaremos a ser todos os desta casa apenas e só pelo que é de todos — por PORTUGAL.